



EDUCAmazônia, Humaitá - Amazonas, Volume XIX, nº 1, jan-jul. 2026, p. 7-23.

ANÍSIO TEIXEIRA E A UNIVERSIDADE: A CONSTRUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE UM MODELO UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

ANÍSIO TEIXEIRA AND THE UNIVERSITY: THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF A UNIVERSITY MODEL IN BRAZIL"

Vanessa Alves Bertolleti¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a contribuição intelectual de Anísio Teixeira sobre a universidade brasileira. Para isso, procura-se, estabelecer a concepção educacional que permeia a produção bibliográfica do autor no que se refere ao ensino superior, com a finalidade de enfatizar o modelo organizativo proposto pelo educador para a universidade nacional, em relação à estrutura curricular e administrativa da instituição. A análise toma o referencial do sociólogo francês Pierre Bourdieu como embasamento teórico, apoiando-se, principalmente, nos conceitos de campo, trajetória social e *habitus*. A pesquisa, de cunho bibliográfico, está fundamentada nas obras de Anísio Teixeira, dentre as quais se destacam seus escritos sobre a universidade e de seus contemporâneos e comentadores. Observa-se que Anísio Teixeira ressaltou em seus escritos a importância da construção de uma universidade brasileira pautada no conhecimento nacional, no desenvolvimento e preparação dos profissionais, por meio de uma formação ampla, com base no alargamento da mente humana e no conhecimento adquirido e reelaborado intelectualmente pelos agentes, em um constante processo de construção do saber. Destacou a necessidade da progressiva adaptação estrutural da instituição universitária, ressaltando a necessidade de um ajustamento curricular que contemplasse o ingresso, a permanência, a progressão nos estudos e a inserção no campo profissional.

Palavras-chave: Universidade; Anísio Teixeira; democracia; unidade nacional.

¹ Professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Apucarana. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá, Mestre e Doutora pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: vanessa.bertolleti@unespar.edu.br.



Abstract: This article aims to examine the intellectual contribution of Anísio Teixeira to the Brazilian university. To this end, it seeks to establish the educational conception that permeates the author's bibliographic production concerning higher education, with the purpose of emphasizing the organizational model proposed by the educator for the national university, regarding the institution's curricular and administrative structure. The analysis employs the framework of French sociologist Pierre Bourdieu as his theoretical foundation, relying primarily on the concepts of field, social trajectory, and habitus. The research, of a bibliographic nature, is grounded in the works of Anísio Teixeira, among which his writings on the university and those of his contemporaries and commentators stand out. It is observed that Anísio Teixeira emphasized in his writings the importance of constructing a Brazilian university based on national knowledge, on the development and preparation of professionals, through a broad education, founded on the expansion of the human mind and on knowledge acquired and intellectually reworked by agents, in a constant process of knowledge construction. He highlighted the need for the progressive structural adaptation of the university institution, stressing the necessity of a curricular adjustment that encompassed access, retention, progression in studies, and insertion into the professional field.

Keywords: University; Anísio Teixeira; Democracy; National Unity



1. INTRODUÇÃO

Anísio Teixeira foi um dos representantes da intelectualidade brasileira que compôs uma geração que apresentava como meta a edificação de uma sociedade desenvolvida e moderna por intermédio da educação. Orientado pela concepção educacional presente em seu engajamento em defesa da educação nacional, Anísio Teixeira inseriu-se no cenário educativo, posicionando-se enquanto educador e administrador.

Inserido no debate da problemática educacional brasileira, Anísio Teixeira vislumbrou na criação da universidade a possibilidade de materialização do desenvolvimento da sociedade, adotando como sentido orientador a necessidade de concretização de um sistema educativo democrático, livre e autônomo. Partidário do liberalismo progressista, o intelectual pensou a universidade como instituição produtora do saber, uma vez que acreditava ser impossível difundir a cultura nacional e formar um homem novo sem a universidade. Figura emblemática, Teixeira buscou retratar a necessidade de formar um agente com valores voltados para o saber, o progresso, a liberdade e a democracia, pois, segundo ele, essas características eram necessidades reais, sem as quais seria impossível consolidar uma estrutura educacional verdadeiramente nacional, e nem sequer uma sociedade que estivesse envolta nas transformações de seu tempo (TEIXEIRA, 1989a).

Nesse sentido, objetiva-se nesse trabalho esboçar a concepção de universidade do autor. Com base na concepção de universidade que permeia a trajetória intelectual do educador, busca-se retomar o debate acerca de um modelo de universidade, que segundo Teixeira, deveria estar pautado na ideia de democracia e unidade nacional.

2. O EDUCADOR E A IDEIA DE UNIVERSIDADE

A crítica ao modelo de formação superior predominante no Brasil, principalmente à estrutura das escolas superiores isoladas, esteve presente durante a trajetória pública de Anísio Teixeira. A análise da instituição universitária permanece profundamente atrelada às implicações evidenciadas no espaço de disputa político, econômico e social do país, demonstrando de forma objetiva a preocupação do educador em compreender as questões pertinentes ao seu tempo – sobretudo o debate em torno da institucionalização da universidade – sem desvinculá-la da amplitude do problema nacional, ou seja, a necessidade de reordenação do ensino no país, conforme nos indica Mendonça (2002) e Nunes (2000b).

Nesse contexto específico, a luta em defesa da consolidação de uma universidade estritamente brasileira, atenta na busca pela construção de uma instituição que consistisse na verdadeira mansão da liberdade, esteve arraigada às estratégias de Anísio Teixeira. Conforme corrobora Mendonça (2002), a concepção de Anísio acerca da educação, envolta no pensar a universidade, trazia atrelada a visão democrática do educador. Referencial construído pela progressiva incorporação de uma visão pragmática de vida e educação, que fora evidenciada na influência marcante da concepção deweyana no processo de formação de seu pensamento.

Anísio Teixeira, que buscava combater o atraso cultural da nação, assistia no Brasil a consolidação de um campo universitário que se apresentava como “um mundo fechado de estudos remotos e distantes” (TEIXEIRA, 1968, p. 71). Segundo Teixeira (1989b), enquanto desprezávamos as práticas modernas de ciência e formação, os



americanos criavam uma universidade para a sua cultura, composta por anos de estudos preparatórios e de formação geral da nação.

O Brasil, contudo, não é exatamente uma colônia de bem-pensantes. É muito mais uma charada, um enigma, um desafio, um feixe gigantesco de problemas a clamar por solução, uma nação a lutar pelo seu desenvolvimento, e não algo de quieto e pacífico como as sociedades pré-revolucionárias dos fins do século dezoito. A despeito do que se pense formalmente, muito outro é o curso de sua marcha. A universidade se está agitando, os estudantes fazem-se inconformistas, muitos professores estão começando a se deixar sensibilizar pelos novos tempos e a idéia da universidade de pesquisa e descoberta, da universidade voltada mais para o futuro do que para o passado está visivelmente ganhando força (TEIXEIRA, 1964b, p. 47).

Nesse sentido, éramos reflexos de uma instituição consolidada com raízes medievais e que demonstrava sua fragilidade na falta de ligação desta com as ideias que aqui eram incorporadas (TEIXEIRA, 1989b). Diferente da instituição americana, que “embora esteja longe de possuir um só padrão [...] quase nada existe ainda que possa lembrar a corporação medieval, salvo os nomes dos títulos universitários” (Teixeira, 1968, p. 71).

[...] Não estará nessas tendências aparentemente opostas a indicação de que a nossa civilização é simultaneamente prática e teórica, e a educação a ela adequada muito terá ainda a fazer para lhe ampliar devidamente a base teórica e, ao mesmo tempo, ainda mais lhe desenvolver o sentido prático? Ouso pensar que os Estados Unidos estão mais próximos do que qualquer outra nação dêsse equilíbrio. O ensino superior de amanhã será, ao meu ver, em grande parte um desenvolvimento e um aperfeiçoamento de muitas das tendências hoje visíveis no sistema norte-americano de educação (TEIXEIRA, 1960, p.74).

Consciente da extrema complexidade existente no propósito de conceber a institucionalização de uma universidade idêntica ao modelo norte-americano e alemão de ensino e pesquisa no Brasil, o posicionamento de Teixeira se fez presente na defesa de um modelo de universidade que não consistisse em apenas em um mero ‘transplante’ de ideias e modelos exteriores - como se havia criado no Brasil até o momento -, mas na tentativa de organização de uma instituição nacional e informada pelos debates do seu tempo.

Na busca pela construção de suas ideias, fruto das representações simbólicas de sua trajetória no cerne das discussões desenvolvimentistas e modernizantes da primeira metade do século XX no Brasil, Teixeira assumiu a postura de defensor da universidade. Conforme Mendonça (2003 p. 160), Teixeira pensou-a como “[...] centro de buscas pela verdade, de investigação e pesquisa”, visto que pronunciava que em sua ausência no cenário brasileiro, seria impraticável a difusão da cultura nacional e a formação do agente frente às transformações sociais. Teixeira (1989b) propôs uma universidade que estivesse dedicada a ensinar e a construir o conhecimento que repercute e que também trouxesse consigo o que havia de mais moderno em matéria de ensino e aprendizagem.

Anísio vislumbrou na criação da universidade a materialização de uma sociedade progressiva, adotando como sentido orientador a necessidade de concretização de um sistema educativo democrático, livre e autônomo. Conforme o exposto em seu discurso, proferido em 1935, durante a abertura da Universidade do Distrito Federal, essa universidade deveria consistir em [...] “uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. Aqueles que não as têm também



não têm existência autônoma, vivendo, tão-somente, como um reflexo dos demais” Teixeira (1988, p.34). Nesse sentido, teria a universidade, como função:

Uma função única e exclusiva. Não é só difundir conhecimento. O livro o faz. Não é conservar a experiência humana. O livro também conserva. Não é preparar práticas profissionais, ou ofícios de arte. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas que a universidade (TEIXEIRA, 1988. p. 35).

Mais do que isso, a universidade deveria,

[...] formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva [...] Trata-se de manter uma atmosfera de saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva (TEIXEIRA, 1988, p.35).

E prosseguia afirmando,

[...] “trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente” (TEIXEIRA, 1988, p.35).

Essa proposta encontrou sua efêmera efetivação na estrutura objetiva da sociedade brasileira, por meio da criação da Universidade do Distrito Federal. A UDF, preservada a particularidade de seu projeto, trouxe como missão, legitimar-se como instituição voltada para a produção e propagação do saber. A UDF, de acordo com Geribello (1977, p.76), consistiu no ponto culminante da administração de Anísio Teixeira frente à direção geral do Departamento de Instrução do Distrito Federal, e congregou a possibilidade de criação de uma instituição universitária renovada no país.

O segundo momento que marca o engajamento do intelectual em defesa da universidade ocorreu por volta da década de 1940, quando Anísio Teixeira retomou seu posicionamento no cenário educativo após o período que esteve afastado do campo educacional. Nesse novo cenário que se abriu ao educador, além da luta pelo desenvolvimento qualitativo da universidade, a preocupação com o a expansão gradativa de instituições de ensino superior brasileiras recebeu sua especial atenção nos anos seguintes.

Esse período, entre 1946 a 1964, ficou conhecido pelo predomínio da política nacional-desenvolvimentista, no qual Anísio Teixeira esteve inserido em uma fase de amplos debates e movimentações políticas e econômicas³. O efeito dessa política na estrutura social desencadeou uma ampla expansão das bases industriais e o desenvolvimento econômico, na tentativa de superação do atraso nacional, por meio de grandes investimentos em capital e ações de ampliação social e financeira no país. No cenário educacional, este aspecto refletiu no desencadeamento expansionista do ensino. No que diz respeito ao ensino superior, tal expansão pôde ser sentida pelo número de

³Tal etapa de desenvolvimento econômico esteve pautada no gradativo aumento da intervenção do governo na economia nacional; crescimento do incentivo dado aos empresários nacionais para o crescimento e a ampliação de novas indústrias; e o incentivo aos empresários estrangeiros para a instalação de seus empreendimentos em território nacional.



instituições de ensino superior criadas no período, conforme nos confirma Teixeira (1961, p. 3),

Período	Criados	Total
De 1808 a 1890	14	14
De 1890 a 1930	72	86
De 1930 a 1945	95	181
De 1945 a 1960	223	404

Quadro: Dados referentes à expansão do ensino superior no Brasil. TEIXEIRA, Anísio. A expansão do ensino superior no Brasil (1961).

Nessa estrutura social, o pensamento anisiano esteve envolto na reflexão em torno da sociedade ligada aos valores democráticos, que estavam ligados a um processo de modernização e constante desenvolvimento das bases produtivas. Anísio condenava a expansão desregrada do ensino por estados que almejavam dispor de universidades em suas localidades sem a real preocupação com o ensino que seria ministrado. Além disso, criticou ações que promoveriam a massificação do acesso e a qualidade, no intuito de expandirem significativamente o número de instituições universitárias, em vista do processo desenvolvimentista em voga no país, não se atentando quanto a consequente progressão das instituições universitárias em meras estruturas isoladas de formação técnico-profissional.

Conforme o exposto no artigo; *Uma perspectiva da educação superior no Brasil*, publicado na Revista Brasileira de Estudos pedagógicos, no ano de 1968, a expansão do ensino, já prevista por Anísio Teixeira em seus escritos anteriores, consistia em um grave descaso com a educação brasileira, nas palavras de Anísio, tratava-se da “[...] consolidação do subdesenvolvimento da universidade” (TEIXEIRA, 1968, n.p.).

Considero hoje a expansão do ensino brasileiro o caso mais espantoso e grave de charlatanismo e demagogia, porque não estamos reformando o ensino, não estamos dando o ensino que devíamos à sociedade brasileira e estamos multiplicando indefinidamente instituições que antes deviam passar por profundas reformas. E chegamos a criar essa coisa paradoxal. Cria-se o ensino superior hoje com mais facilidade do que uma escola primária. Há Estados cujos padrões escolares exigem para se criar uma escola primária, professor e prédio. A escola superior nem de prédio precisa. Posso criá-la como quiser, num andar de um edifício, numa escola primária em funcionamento, ou passar a ter a escola superior e à noite, num ginásio ordinário. Estou desenvolvendo escolas superiores como não desenvolveria escolas primárias (TEIXEIRA, 1968, n.p.).

Em pleno contexto de expansão das bases econômicas brasileiras, e da inserção das ações e intervenções estrangeiras no cenário social e econômico, caracterizado no final do processo nacional-desenvolvimentista brasileiro, Juscelino Kubitschek, que planejava edificar uma universidade em Brasília, convida Anísio Teixeira, então diretor do INEP, para auxiliar no planejamento e construção da instituição. A partir daí, Teixeira, juntamente com Darcy Ribeiro, elabora o plano educacional de Brasília, propondo a construção da instituição como um foco de cultura na capital do país. Conforme corrobora Salmeron (1999), seria impensável na então conjuntura sugerirem outro intelectual para pensar a UnB que não fosse Anísio. Tal posicionamento era justificado pela trajetória de



Anísio na história da educação brasileira, em sua defesa pela reformulação do ensino nacional, sua ação política na direção de instituições voltadas para o campo educacional, e a forma como ele pensava o ensino superior, enquanto missão e organização da universidade.

O projeto que seguiu a UnB sintetizava não apenas o desejo de criação de uma nova instituição universitária para o Brasil, como congregava a concepção de uma universidade renovada. Tal universidade seria construída sob o sentimento de uma instituição revigorada pelo saber e focada no conhecimento, por meio da reunião do ensino graduado e pós-graduado. A defesa da universidade brasileira e do desenvolvimento da pesquisa feito por Anísio Teixeira traria consigo a concepção de que um país para consolidar-se como nação, precisaria manter sua universidade, sendo capaz de “[...] produzir conhecimentos e propor soluções próprias às questões que o afligem”, salientou Nunes (2000b, p. 20).

Conforme Teixeira (1989b), a universidade, construída para o povo brasileiro, a partir da problemática nacional, voltada para uma educação ampla e renovada, seria o princípio fundamental para uma reformulação da educação. Este modelo de universidade implicava uma instituição que fosse capaz de preparar os profissionais, os professores e pesquisadores com base em uma formação ampla, prática e progressiva⁴.

Para o educador, defensor de uma reestruturação das bases universitárias, a reforma que se buscou imprimir na estrutura educacional brasileira necessitaria de uma mudança profunda, que fosse capaz de atender e modificar os problemas de ordem qualitativa e quantitativa. Em síntese, conforme veremos posteriormente, tal mudança, deveria contemplar os problemas de ordem, político-financeiro e técnico pedagógico, mais precisamente, necessitaria atentar-se para a ação das atribuições legais e as limitações gestoras e financeiras de manutenção das instituições educativas, bem como a necessidade de uma renovação constante da oferta do ensino e do preparo profissional (TEIXEIRA, 1999).

3. A INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA E SUAS FUNÇÕES

Posicionando-se descontente com o ensino superior ofertado no Brasil, Anísio propôs a concretização de uma nova instituição, construída a partir de bases nacionais, voltada para a integração entre os agentes, o saber e a formação prática e cultural da nação brasileira (TEIXEIRA, 1988). Conforme Teixeira (1988), a construção de uma instituição universitária consistiria em uma possibilidade de avanço e transformação do ensino no

⁴ O modelo de instituição que contemplaria tal concepção, já estaria posta no decorrer da construção da universidade brasileira, salientou Teixeira (1989a). Trata-se do ensino médico, exercido pelas escolas de medicina. Seria o ensino médico, “[...] a escola de maior prestígio social, científico e profissional do Brasil. É a escola em que o aluno dificilmente consegue ser um estudante de tempo parcial”. Além disso, “[...] É a escola que exigiu e conseguiu instalações e equipamentos razoavelmente adequados para o ensino. É a escola de maior consciência de que o ensino não se faz apenas em salas de aulas”. Seria a faculdade de medicina, “[...] a escola de ciências, de idéias, de saber, mas também de experiência, de laboratórios, de atuação experimental e da prática longa, distribuída por estágios e trabalho” (TEIXEIRA, 1989a, p.133-134). Fundadas pela necessidade em se impor a qualidade ao ensino médico, restringindo a expansão desregrada pela imposição da redução do número de alunos, se faria o ensino médico a expressão realizada de um ensino promissor e adequado à necessidade de transformação do ensino, que se colocava em debate no país, por meio de uma necessidade em reformar o ensino superior nacional.



Brasil⁵. Pautando-se na crítica da constituição organizacional das escolas superiores no Brasil, que versavam sobre o caráter elitista, isolado e autodidata das escolas superiores. Seria esta nova instituição a universidade moderna⁶. A universidade, que em sua concepção, viria atender as necessidades culturais, econômicas, sociais e políticas que se colocavam à sociedade (TEIXEIRA, 1988).

Dessa forma, conforme explicitado na obra *Educação no Brasil* (1999), publicada em 13 de março de 1968 na revista *folha de São Paulo*, a missão da universidade, segundo Anísio Teixeira, consistia na função de contribuir para o desenvolvimento econômico e cultural da nação. A partir do exposto, o educador definiu a missão da universidade em quatro importantes funções: primeiramente, a formação do profissional; a segunda função correspondia ao alargamento da mente humana; a terceira missão consistia na função de desenvolver o saber humano, não apenas transmitir o saber, mas cultivá-lo, descobri-lo, promover o saber na sociedade e, por fim, a função a qual cabe a universidade o dever de transmitir a cultura comum nacional e o saber comum à nação (TEIXEIRA, 1999).

As poucas escolas de formação liberal, conforme Teixeira (1989b) eram estruturadas e organizadas no sentido curricular de forma autodidata. Mantinha-se a formação dos profissionais arraigada aos livros, que em sua grande maioria, consistiam em obras de autores estrangeiros (TEIXEIRA, 1988). Nessa perspectiva, para o educador, o estudo se conservava de forma individual, caracterizado pelo ensino e alunos de tempo parcial e instituições compostas por cursos únicos⁷. Além da pouca integração com outros saberes, devido ao número restrito de áreas do conhecimento, em muitas escolas não prevalecia a preocupação em constituir um ensino integrado entre os conhecimentos e conteúdos ministrados. Muitas vezes, as matérias compunham um apanhado de conteúdos isolados e sem ligação com as demais áreas do saber.

As escolas profissionais, constituídas como escolas superiores de formação, tinham como objetivo “preparar profissionais para as carreiras de base intelectual, científica e técnica” (TEIXEIRA, 1964a, p.01). Eram voltadas, em essência, para a formação dos profissionais, no intuito de suprir a formação para as carreiras cada vez mais em crescimento no Brasil, salienta Cunha (1980). Conforme Teixeira (1989b), esta função consistia na missão primordial das escolas profissionais, caracterizadas pelo ensino acadêmico, que acabava por direcionar a formação, com base na preparação intelectual do profissional.

⁵ Inspirados nas experiências obtidas pela Europa e Estados Unidos de universidade moderna, Anísio Teixeira buscou, em sua proposta de universidade moderna nacional, construir no Brasil uma universidade verdadeiramente brasileira, direcionada para a conjuntura nacional, no intuito de garantir a formação profissional, direcionados para as necessidades econômicas do país, a elaboração e produção do saber que tivesse como foco os problemas nacionais e, por fim, a formação da cultura nacional, colocada pelo sentimento de modernidade e nacionalismo, desencadeado nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

⁶ Utilizamos aqui o termo universidade moderna para expressar o pensamento de Teixeira frente às novas atribuições das universidades, tomando como base a universidade de Humboldt, que conforme salientou Teixeira (1988, p. 85) “[...]representa realmente os primórdios da nossa universidade contemporânea”. O uso do termo, busca representar o sentimento propagado com a criação da universidade de pesquisa, atenta às transformações sociais. Desse modo, o termo moderno, remete-se a negação da estrutura universitária medieval e o início de instituições mais dinâmicas, voltadas para o preparo das profissões, por meio da reformulação do saber, na pesquisa, na reestruturação estrutural, organizativa e gestora, voltada para os problemas de sua nação.

⁷ As primeiras escolas de formação profissional superior eram compostas pelos cursos de Medicina, Engenharia e Direito, que devido sua escassez dos diplomas, garantiam a inserção destes profissionais liberais, em outras áreas, conforme ocorreu com Anísio Teixeira.



Teixeira, contrapondo-se a estrutura dessas escolas, defendia a formação e a preparação do profissional como missão da universidade. Contudo, o educador não deixou de salientar que tal função não deveria se transformar na principal incumbência a ser exercida pela universidade. Embora a formação profissional constituísse o papel primordial das instituições universitárias, e quiçá fosse esta necessidade mais imediata do período, era preciso empregar no preparo do agente, do saber e da cultura nacional, o mesmo objetivo comum da formação profissional (TEIXEIRA, 1988).

Dessa forma, a preparação dos profissionais pela instituição universitária deveria ocorrer com base na transmissão de um saber comum, transformado pela instituição e propagado por ela aos demais agentes. Para Teixeira (1989a), a formação do profissional não deveria acontecer de forma aleatória, desvinculada da realidade nacional, de um saber mais amplo ou constituir-se como um saber meramente reproduzido e aplicável na prática de determinada carreira de formação. Era preciso consistir na reflexão e (re) elaboração do saber cotidiano. Segundo Teixeira (1988, p. 35), [...] “o saber não é um objeto que se recebe das gerações que se foram, para a nossa geração, o saber é uma atitude de espírito que se forma lentamente ao contato dos que sabem”.

Conforme nos indica Mendonça (2002), convém salientar que a crítica expressa por Teixeira quanto à formação prática profissional não consistia na depreciação da preparação técnica aos profissionais oferecidas nas escolas superiores de formação, mas quanto à limitação estrutural na qual estas instituições estavam submetidas. Para Teixeira, a emissão do diploma apenas, não seria o suficiente para garantir ao agente a condição de homem culto.

Relacionada com a missão de formação profissional, está o alargamento da mente humana, consequência da busca pelo saber. Essa constitui a segunda função da universidade.

Não é fácil caracterizar a segunda grande função. Seria a do alargamento da mente humana, que o contacto com o saber e a sua busca produzem nos que freqüentam a universidade. É algo mais do que cultura geral. É a iniciação do estudante na vida intelectual, o prolongamento de sua visão, o alargamento de sua imaginação, obtidos pela sua associação com a mais apaixonante atividade humana: a da busca do saber. Todas as universidades preenchem esta função e se fazem, assim, como que noviciados da cultura (TEIXEIRA, 1964a, p. 01).

A fim de que a universidade cumprisse sua missão de alargar o saber humano, era preciso que ela superasse o isolamento. Na concepção anisiana, depois, rompido o isolamento estrutural, seria preciso promover aproximação do agente com o conhecimento. Não o conhecimento reproduzido, contido em escassos exemplares de obras estrangeiras, mas o saber ligado à realidade que constitui o contexto nacional (TEIXEIRA, 1954b). A aproximação deveria ocorrer na superação do ensino autodidata, individual, elitizado e enraizado das instituições. De acordo com Teixeira (1989b), o alargamento da mente humana ocorria no contato com outros agentes que partilhassem de saberes semelhantes e distintos. Ocorre na dialética do enfrentamento teórico, da reformulação do saber incorporado, o que somente se efetiva no contato com o real conhecimento. Saber este que não está pronto e que, por isso, não se imprime na universidade e em nenhum outro lugar como verdade concebida, pronta, que não mereça ser reformulada ou recriada.

Deste modo, salienta Teixeira sobre a missão da instituição universitária, [...] “Não terá ela nenhuma “verdade” a dar, a não ser a única verdade possível, que a de buscá-la



eternamente” (TEIXEIRA, 1988, p. 42-43). A ampliação da mente humana e do conhecimento se dá na busca pelo saber, no contato com outras culturas, outras sociedades. Não se recebe o saber do hoje pronto dos antepassados, [...] “o saber é uma atitude de espírito que se forma lentamente ao contato dos que sabem” (TEIXEIRA, 1988, p.35).

Arraigada ao que se define como a segunda missão da instituição universitária, embora não consista, necessariamente, no mesmo objetivo, está a terceira missão. Função a qual deve orientar a universidade moderna brasileira. Segundo Teixeira (1988), trata-se da busca pelo desenvolvimento do saber humano.

A terceira função é a de desenvolver o saber humano. A universidade não só cultiva o saber e o transmite, como pesquisa, descobre e aumenta o conhecimento humano. Este objetivo não é o mesmo do preparo profissional, não é o mesmo daquele alargamento mental da inteligência do aluno. A universidade faz-se centro de elaboração do próprio saber, de busca desinteressada do conhecimento, de ciência fundamental básica (TEIXEIRA, 1964a, p. 02).

A mesma universidade, que é formadora do profissional e responsável pelo desenvolvimento intelectual do agente, não poderia posicionar-se de forma alheia ao que ensina, afirma Teixeira, (1988). A educação deveria incidir na incorporação do saber que estivesse refletido na sociedade. Não consiste em apenas reproduzir o conhecimento pronto e estabelecido. Para que a universidade promova o desenvolvimento do saber humano, é preciso que a transmissão dos conteúdos não se faça sem uma reflexão. Ação que antecede o preparo profissional dos agentes (TEIXEIRA 1988).

Salientou que para que houvesse o desenvolvimento do saber humano era fundamental a constante reformulação do conhecimento que se transmite. O saber necessitava ser reformulado e caberia a universidade, enquanto missão, fazer isso (TEIXEIRA, 1989b). Conforme salientou Anísio Teixeira, era de incumbência da universidade não apenas cultivar o saber, mas transmiti-lo, pesquisá-lo, descobri-lo e redescobri-lo, aumentando, assim, o saber dos homens (TEIXEIRA, 1988). Desta forma, “[...] a universidade faz-se centro de elaboração do próprio saber, de busca desinteressada do conhecimento, de ciência e saber fundamental básico” (TEIXEIRA, 1988, p.69).

De acordo com Mendonça (2002, p. 73) “[...] para Anísio, a universidade seria, antes de mais nada, um centro de investigação e pesquisa científica”. Característica que a tornaria distinta das demais instituições isoladas e utilitárias. Para Teixeira, a universidade deveria consistir em uma instituição, que servisse como centro de formação e preparação do saber. No cerne das disputas que envolvem o domínio e a produção da ciência, a universidade precisava objetivar a produção do conhecimento. Sob essa ótica, a universidade em uma sociedade em reconstrução se tornaria uma instituição fundamental e se destacaria dentre as principais organizações para o preparo da cultura, por ser a instituição que concebe e transmite esse capital.

Atento à formação da cultura dentre os valores democráticos e modernos, caberia a universidade irradiar os conhecimentos aos agentes (TEIXEIRA, 1954b). Nesse sentido, era preciso que a instituição em foco consistisse em um campo em que prevalecesse a busca desinteressada pelo saber, pela ciência e toda a cultura necessária ao restante da sociedade. Para Teixeira (1988), assim como uma nação que não forma seus membros,



satisfatoriamente, na ausência do saber, a universidade não se constitui efetivamente, enquanto um campo na ausência da produção de seu principal capital: o conhecimento⁸.

Escreveu Teixeira (1954b, p.32),

Não se pode encomendar a nova cultura de que precisamos. Ela terá que vir como resultado de uma consciência mais aguda e mais inspirada no curso mesmo dos acontecimentos. E a universidade, especialmente, e, em rigor, toda a educação deverão esforçar-se por ajudar a trazer a luz o novo estado de espírito e a nova interpretação da vida, necessária para as novas condições, novas contingências e novos progressos.

A universidade seria a responsável por criar a cultura de seu tempo. Caberia a instituição universitária desenvolver o conhecimento que transmite (TEIXEIRA, 1988). Conhecimento este que deveria ser construído e preservado de acordo com o seu campo e contexto de inserção, no caso de Teixeira, a sociedade em transformação, sendo compatível com as reais necessidades enfrentadas pela sociedade na qual a respectiva universidade se inserisse, corrobora Nunes (2000a, p.17),

Do ponto de vista da formação dos intelectuais, o projeto de Anísio Teixeira passa pela criação de instituições, universitárias ou não, que formulem intelectualmente a cultura humana, sejam capazes de incentivar (no caso de órgãos de fomento à pesquisa ou ao aperfeiçoamento docente) e funcionar (no caso das universidades ou dos centros de pesquisa) como pólos de irradiação científica, literária e filosófica, tenham a pesquisa como um valor e a vinculem à docência. A trajetória de Anísio Teixeira em defesa da universidade pública e de instituições públicas de pesquisa ou de financiamento a ela tem implícita a convicção de que não há país capaz de sobrevivência digna sem instituições, sobretudo como a universidade, capazes de produzir conhecimentos e propor soluções próprias às questões que o afligem (NUNES, 2000a, p.17).

Nesse sentido, a universidade, conforme Teixeira (1988), precisaria traduzir em sentimentos os novos rumos tomados com a mudança econômica e cultural dos tempos. Deste modo, era necessário que a universidade se constituísse como um microcosmo dinâmico. De acordo com Anísio Teixeira, no sentido estrutural, tornava-se fundamental que a universidade propiciasse a formação acadêmica com base no saber moderno e preservasse em sua missão a busca permanente pelo saber, a fim de que o saber se tornasse algo aplicável, com uma finalidade clara: formar o agente dentro dos conhecimentos da cultura nacional e preparado para enfrentar os obstáculos desta mesma sociedade.

Além disso, era preciso que a universidade se constituísse como o cerne da própria consciência do povo brasileiro. Consciência preparada e alargada pela própria cultura nacional (TEIXEIRA, 1988). No entanto, para que isso se efetivasse, era fundamental que a universidade preservasse entre os agentes a confiança no saber e fornecesse as bases necessárias para que eles fossem capazes de orientarem-se de forma progressiva em sociedade.

Todo saber é uma “experiência” de saber. Toda ciência é uma vitória da persuasão sobre a força. À medida que se estende a área do conhecimento racional e relativo, nesta medida se amplia a área de tolerância e de respeito

⁸ Ao pensar a universidade proposta por Teixeira em analogia ao conceito de microcosmo de Bourdieu (2004), observa-se que a instituição consistiria em um campo que se consolida na contínua busca por reformular-se. Sua legitimação ocorre em meio ao processo de efetivação institucional como um espaço necessário à nova organização social. Ao passo que deve se instituir como uma instituição necessária, a universidade moderna se valida enquanto organização legítima e campo necessário (BOURDIEU, 2004).



pelo homem, e cresce a reverência pela sua missão de entender e desenvolver a aventura da vida sob o sol. [...] A mestra da moderação e da tolerância, que é a mesma razão empreendedora, há de ser também a mestra da paz entre os homens. A guardiã dessa razão humana, origem e instrumento do saber, é a universidade, em cujo seio deve palpitar essa suprema esperança humana (TEIXEIRA, 1954b, p. 35-36).

Quanto ao sentido norteador de sua organização, a universidade necessitaria manter-se autônoma⁹, no sentido de dirigir suas ações de modo que se preservasse o máximo possível livre das determinações externas ao próprio campo. Defensor de uma concepção educacional pautada na educação como direito de todos os agentes e de uma estrutura educacional autônoma, era preciso que a universidade passasse a buscar na própria estrutura, consolidar o instrumento norteador de suas práticas sociais.

Embora a autonomia não se constituísse como uma conquista simples, ela consistia no princípio básico de disputa do campo. Conforme salientou Bourdieu (2004), quanto menos interferências externas um campo recebe, maior autonomia ele tende a apresentar, desvencilhando-se progressivamente das intervenções sofridas pelos campos externos.

Nesse sentido, para que a universidade pensada por Anísio Teixeira fosse, de fato, um ambiente livre, autônomo e fundado nos problemas brasileiros, era necessário desenvolver o cultivo da independência da consciência do saber. Ação que deveria ser concebida em pleno conjunto progressista e moderno da sociedade.

Dessa forma, para que a universidade renovada de Teixeira cumprisse com sua missão e se efetivasse como a verdadeira mansão da liberdade e do saber, era preciso que ela reformulasse o que ensina. Consoante com Teixeira (1988), uma universidade somente torna-se uma instituição de pesquisa se ela passa a formular o que ensina. Para isso, a missão de formular o saber não deveria consistir em apenas mais uma função agregada, mas como essência da instituição. “[...] o saber não é somente algo que se guarda ou apenas se transmite, mas, sobretudo, algo que se continua e se renova, numa permanente reconstrução” (TEIXEIRA, 1954b, p. 28).

Conforme o conceito de educação defendido por Teixeira, é preciso uma formação que possibilite que os agentes sejam formados e preparados, não apenas para compreender o que adquirem para si, sob forma de aprendizagem, mas para que estejam prontos a transmitirem e aplicarem o que aprendem.

Quando se diz que a universidade deve passar à pesquisa não significa que deva haver um acréscimo, isto é, que lhe devemos anexar mais uma tarefa para ela se transformar na universidade de pesquisa. A universidade somente será de pesquisa quando passar a *reformular* a cultura que vai ensinar. Pode parecer excessivo dizer-se que a cultura humana tem de ser reelaborada para se ensinada. Isso, porém, é literalmente verdade. Se se trata de uma cultura própria e já existente, a transmissão é uma revisão e adaptação, pois toda cultura é ela própria um processo dinâmico. Mas se desejo transmitir uma cultura nova, não a posso transmitir pondo a aprendiz em contato com os

⁹ É necessário salientar que a autonomia que Anísio Teixeira busca defender em sua tese acerca do ensino superior, não é apenas a autonomia referente a independência institucional. Trata-se da autonomia do saber humano e sua força frente o controle dos governos. Autonomia, que segundo o educador se aproxima do ideal de liberdade, ao passo que produz um bem social, bem que cabe a ela ser a elaboradora e perpetuadora, o saber. Na prática, conforme Teixeira (1954a) na medida em que ocorrerem às transformações na sociedade e forem dadas as universidades possibilidades de criar-se e recriar-se, será possível a universidade se fazer, efetivamente, um campo do saber, de reformulação e produção de conhecimento.



“produtos” dessa cultura, mas tornando possível ele aprendê-la pelo processo de sua formação, de modo que ele, de algum modo, a reinvente, inserindo-a em seu modo de pensar. Ele não deve ficar apenas capaz de compreendê-la, mas de fazê-la e de continuá-la, sem mencionar a capacidade de aplicá-la. A cultura realmente existente é a que estiver incorporada pela sociedade, e a sociedade é hoje nacional (TEIXEIRA, 1989a, p. 100-101).

Para Anísio Teixeira (1988), a universidade deveria ser a própria consciência nacional. Assim, seria preciso legitimar-se como instituição formadora e propagadora do saber na sociedade, cabendo a universidade, incumbida da preparação intelectual dos agentes dentro de uma perspectiva progressiva, livre e autônoma, auxiliar o sentimento democrático e moderno de toda sociedade. “[...] Ela não se constitui para se isolar da vida e tornar-se a mestra da experiência. Seus problemas serão os problemas de hoje, examinados à luz da sabedoria do passado” (TEIXEIRA, 1988, p. 42).

Sua exposição acerca da ciência e formação humana perpassava pelas duas funções fundamentais da universidade: preparar os agentes de acordo com os aspectos científicos e econômicos – tão importantes para o desenvolvimento econômico e social da sociedade – e a necessidade em exercer esta preparação profissional vinculada ao desenvolvimento humano. De acordo com Teixeira, esta divisão, realizada metodologicamente durante a formação destoante entre a preparação alicerçado no saber científico e a formação humanística, implicaria em tornar aptos os agentes de modo que não existisse certa preocupação quanto à integração entre a preparação e a sua finalidade. Entretanto, conforme o educador, “O divórcio entre o material e o espiritual é inconcebível [...]”, salientou Darcy Ribeiro (1960, p. 311).

[...] O método científico, uma vez aí amplamente aplicado, com a inspiração e a audácia que caracterizam a sua aplicação ao mundo físico, virá transformar os conhecimentos e tradições pré-científicas ainda hoje reinantes neste mundo nosso, de supremos interesses humanos. É devido à separação, entre êsses dois mundos, que a ciência e a técnica são ensinadas como algo de especial e mecânico, sem as conexões com o mundo humano a que vão servir, e daí as suas conseqüências desumanizantes. E a literatura e a filosofia, por sua vez, são ensinadas como disciplinas humanas separadas da ciência e da técnica, que nos estão transformando a vida e a nossa suposta natureza, e em conseqüência desintegrando, alienando o pressuposto humanista do seu tempo e do seu mundo [...] (RIBEIRO, 1960, p.313).

Para Teixeira, ambas as preparações, humanística ou científica, só são passíveis de aparelharem os agentes para uma sociedade progressiva se ocorrerem de maneira concomitante. Embora os resultados da superação da dicotomia fins e meios, não ocorram imediatamente, a tentativa faz parte de uma nova possibilidade integradora de desenvolvimento. Trata-se de uma possibilidade de conexão dualista da preparação dos agentes e que deve estar implícita na missão da universidade.

Conforme Teixeira, a união entre a ciência e uma visão democrática de educação, congregaria a possibilidade de criar uma sociedade verdadeiramente democrática, com base no saber científico. Contudo, para isso, era preciso difundir o saber respaldado cientificamente. Missão que, conforme Teixeira (1988) caberia à universidade propagar.

Nesse sentido, para que a universidade, efetivamente, se constituísse amparada nestes sentimentos norteadores e permanecesse estritamente direcionada em sua missão de formar os agentes focados para as mudanças econômicas, políticas e sociais, era preciso que ela se mantivesse, fundamentalmente, como uma instituição com raízes



brasileiras. Atenta aos problemas de toda ordem que se colocam a nação, enfatizou Teixeira (1999).

Defensor declarado da formação de uma cultura própria da nação brasileira, Teixeira vislumbrou na criação da universidade a possibilidade de consolidação de uma cultura do Brasil. Em sua concepção, a universidade deveria primar e possibilitar “transmitir a cultura existente e refletir a cultura nacional” (TEIXEIRA, 1968, p.31), com o intuito de possibilitar o saber experimental e tecnológico aos estudantes brasileiros.

Segundo Mendonça et al (2006), a inexistência da tradição universitária no Brasil era a grande problemática que se fazia presente no país. Conforme o Teixeira, na ausência de uma cultura brasileira, jamais se poderia formar uma cultura nacional, sentimento fundamental na consolidação de uma nação. Para o educador, “o objetivo da educação é a formação da cultura de uma nação” (TEIXEIRA, 1968, p. 30). Para a efetiva legitimação de uma universidade no Brasil, era necessária a consolidação de ações, que fossem além daquelas já consideradas funções da universidade. Seria necessário que os agentes ligados às instituições universitárias se importassem com o entendimento dos problemas nacionais apresentados pelo país e que buscassem aprofundar-se em seus estudos.

A universidade brasileira tem que ser a grande formuladora e transmissora da cultura brasileira. Esta cultura brasileira, concebida como modo geral de vida de toda a sociedade, é algo que está em processo, que se vem elaborando e que a universidade irá procurar descobrir, formular, definir, tornar consciente e, deste modo, nela integrar todo o povo brasileiro. (TEIXEIRA, 1988, p. 169).

Desse modo, Teixeira expôs como quarta e última missão da universidade a função de formação da cultura nacional.

A universidade será assim um centro de saber, destinado a aumentar o conhecimento humano, um noviciado de cultura capaz de alargar a mente e amadurecer a imaginação dos jovens para a aventura do conhecimento, uma escola de formação de profissionais e o instrumento mais amplo e mais profundo de elaboração e transmissão da cultura comum brasileira. Estas são as ambições da universidade. Profundamente nacional, mas intimamente ligada, por esse amplo conceito de suas finalidades, às universidades de todo o mundo, à grande fraternidade internacional do conhecimento e do saber (TEIXEIRA, 1988, p. 169).

Essa missão, que era atribuída à universidade, tinha para Anísio Teixeira, principalmente, “[...] uma função educativa, capaz de extrapolar seus próprios muros e estender-se para a sociedade como um todo” (MENDONÇA, 2002, p. 42). Conforme Teixeira (1989b), a universidade deveria se constituir como um centro de saber em que se objetivasse desenvolver e ampliar o conhecimento dos homens. A cultura transmitida por ela deveria alargar o pensamento humano e possibilitar o contato pleno com o saber. Assim, a universidade deveria ser capaz de alargar o saber e a mente, além de “[...] amadurecer a imaginação dos jovens para a aventura do conhecimento, uma escola de formação de profissionais e o instrumento mais amplo e mais profundo de elaboração e transmissão da cultura comum brasileira” (TEIXEIRA, 1964a, p.2).

Observa-se que esse sentimento não apenas permeou a concepção de Anísio Teixeira, como compôs o discurso e engajamento de demais intelectuais que compactuaram do mesmo campo de formação do educador, como Fernando de Azevedo, entre outros. Tratava-se do reflexo da conjuntura brasileira do período, em plena vivência da constante busca por constituir-se enquanto nação e fruto das imposições de um nacionalismo tardio (ROMANELLI, 1983).



Não havia, nas escolas profissionais brasileiras, o desenvolvimento de uma cultura comum entre a nação e esse deveria ser o papel da universidade. O campo universitário deveria constituir um espaço de busca, renovação e formulação do saber, para que esse constituísse o saber comum brasileiro e a cultura nacional. Segundo Teixeira, a missão da universidade renovada não era apenas a de formar o profissional, por meio do saber contemplativo. Segundo Teixeira (1964a, p.2) “[...] a universidade não é só a expressão do saber abstrato e sistematizado e como tal universalizado, mas a expressão concreta da cultura da sociedade em que estiver inserida”. Assim como as demais universidades, Americana, Inglesa, Francesa e Germânica, a universidade brasileira precisava transmitir a sua cultura reformulada com base na sociedade moderna e não apenas reprodutora de seu contexto original.

Salientou Teixeira, que o saber não deveria consistir em algo meramente passível de reprodução, embora muitas instituições brasileiras o fizessem, uma vez que a formação cultural de uma nação não se faz na simples importação ou mera reprodução do saber, mas a partir da refutação de suas bases e na progressiva transformação em um novo saber. Saber fundado na sociedade na qual a universidade se insere, embasados em seus problemas e dinâmica social, destaca Teixeira (1988).

A universidade será assim um centro de saber, destinado a aumentar o conhecimento humano, um noviciado de cultura capaz de alargar a mente e amadurecer a imaginação dos jovens para a aventura do conhecimento, uma escola de formação de profissionais e o instrumento mais amplo e mais profundo de elaboração e transmissão da cultura comum brasileira (TEIXEIRA, 1964a, p.2).

Dessa forma, para que a missão de transmissora da cultura comum nacional se efetivasse, era preciso tê-la como um dos objetivos principais da nova instituição moderna brasileira, ponderava Anísio Teixeira. Consistindo em uma instituição que preze pela formação intelectual e profissional dos agentes, “[...] a universidade brasileira tem que ser a grande transmissora da cultura brasileira” (1964a, p.2). Portanto, era preciso que a universidade reformulasse o saber e, nas palavras de Anísio Teixeira (1964a, p.2), buscasse “[...] nela integrar todo o povo brasileiro”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas nesse artigo tiveram como objetivo analisar o modelo de universidade concebido por Anísio Teixeira em sua produção intelectual acerca do campo educacional. Defensor de um ambiente autônomo de ensino, Anísio Teixeira frisou a importância da construção de uma universidade brasileira, pautada no conhecimento nacional, no desenvolvimento e preparação dos profissionais para atuarem nas mais diversas esferas, por meio de uma formação ampla, com base no alargamento da mente humana e no conhecimento adquirido e reelaborado intelectualmente pelos agentes, em um constante processo de reformulação e construção do conhecimento.

Anísio Teixeira vislumbrou na universidade aspectos importantes para o desenvolvimento nacional. Para ele, a formação profissional estaria estritamente ligada ao alargamento da mente humana pelo viés cultural e educacional. Além disso, salientou a importância da instituição para o desenvolvimento do saber humano, não apenas sua transmissão e a transmissão da cultura comum nacional.

Ao buscar auxiliar no processo de construção nacional e educacional, Anísio Teixeira pensou a universidade como instituição importante para o processo de



fortalecimento das bases educacionais. Nesse cenário, o educador inseriu-se na busca pela superação do subdesenvolvimento do país, por meio da crença no desenvolvimento científico e na educação como meio para o progresso nacional, reflexo do entusiasmo que se alimentava no campo social pela busca de certa renovação educacional.

Diante de tal concepção, o educador concebeu como prioridade para a reformulação da universidade nacional, a construção de uma universidade autônoma administrativa e organizativamente que possibilitasse contribuir para a modernização da nação brasileira. Seus escritos, mais do que refletirem um contexto histórico de embates sociais, culturais, políticos e econômicos, também teceram importantes análises acerca da formação de um campo educacional no Brasil.

5. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CUNHA, Luiz Antônio. A universidade temporã. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

GERIBELLO, Wanda Pompeu. Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra. São Paulo: Atlas, 1977.

MENDONÇA, Ana Waleska. Anísio Teixeira e a universidade de educação. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____, P, C; XAVIER, Libânia Nacif; et al. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos de 1950/1960. In: Revista brasileira de educação. V. 11, nº 31, jan/abr 2006. p 96-115.

_____. Universidade, ciência e cultura no pensamento de Anísio Teixeira. In: Revista de comunicação, cultura e política. ALCEU, v.4, n.7, jul./dez. 2003. p.150-163. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu-n7-Mendonca.pdf> . Acesso em: 20 de maio de 2008.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. In: Revista Educação & sociedade. Ano XXI, nº 73, dez, 2000a.

_____. Anísio Teixeira: uma vocação pública a serviço da educação do país. In: Educação e filosofia. v. 14, nº 27/28, jan/jun jul/dez 2000b. P.11-47.

RIBEIRO, Darcy. Anísio Teixeira, pensador e homem de ação. In: Anísio Teixeira: pensamento e ação. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960. p.228 – 326.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da Educação no Brasil: 1930 a 1973. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SALMERON, Roberto A. A universidade interrompida: Brasília 1964-1965. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.



TEIXEIRA, Anísio Spínola. A educação que nos convém. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.21, n.54, abr./jun. 1954a. p.16-33.

_____. A universidade e a liberdade humana. S.l.: Ministério de educação e cultura. Departamento de imprensa nacional. n. 68. 1954b.

_____. Confronto entre a educação superior dos EUA e a do Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.33, n.78, abr./jun. 1960. p. 63-54.

_____. A expansão do ensino superior no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.36, n.83, jul./set. 1961. p.3-4.

_____. Funções da universidade. Boletim Informativo CAPES. Rio de Janeiro: n.135, Fev. 1964a. p.1-2.

_____. A universidade de ontem e de hoje. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v., n.95, 1964b. p.27-47.

_____. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.50, n.111, jul./set. 1968. p.21-82.

_____. Educação e universidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

_____. Educação não é privilégio. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.70, n.166, 1989a. p. 435-462.

_____. Ensino Superior no Brasil: Análises e interpretações de sua evolução até 1969. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getulio Vargas: 1989b.

_____. Educação no Brasil. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.